

## **Reflexões Sobre o Estabelecimento de Vínculos Afetivos Interpessoais na Atualidade**

### **Marcos Mariani Casadore**

Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis), doutorando pela mesma instituição. Professor do curso de graduação em Psicologia das Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO) e do Instituto Educacional de Assis (IEDA).

End.: R. Benedito Lutti, 626 – Vila Xavier – CEP: 19802-060 – Assis/SP.

Email: mmcasadore@yahoo.com.br

### **Francisco Hashimoto**

Doutor em Psicologia (USP) e Livre Docente em Orientação Profissional (Unesp/Assis). Professor Adjunto dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis).

E-mail: franciscohashimoto@yahoo.com.br

### **Resumo**

Nos estudos que versam sobre as subjetivações contemporâneas e a sociedade na qual se está inserido na atualidade, o mundo contemporâneo frequentemente é caracterizado pela ascensão do narcisismo – ou individualismo – e do consumismo enquanto condições basais às demais mudanças recentes. A valorização da estética, a influência publicitária, a cultura da imagem, o detrimento da interioridade e das trocas inter-humanas em contraponto à

exacerbação do superficial e externo aparecem como transformações essenciais às novas configurações de subjetivação ditas “pós-modernas”, privilegiadas e reforçadas pela sociedade capitalista. Junto delas, advém também o mal-estar na atualidade individual, geralmente associado a um vazio interior, insatisfações generalizadas frente a idealizações e oscilações da autoestima. Neste trabalho, busca-se compreender como o indivíduo estabelece seus vínculos interpessoais afetivos dentro dessa composição contemporânea, estabelecendo relações entre a atualidade e conceituações pertinentes ao estudo, tais como a ideia de amor romântico, o narcisismo e o estado de desamparo psicanalíticos, o desenvolvimento do sujeito e o paralelo estabelecido com textos histórico-sociais. O estudo, de caráter teórico, situa-se, assim, na intersecção entre “indivíduo” e “sociedade” – uma subjetividade, portanto, formada internamente no indivíduo e submetida diretamente à influência social – e analisa os determinismos e influências que estes exercem um sobre o outro, por meio de leituras crítico-reflexivas e análises textuais de trabalhos das áreas de sociologia, psicanálise e psicossociologia.

**Palavras-chave:** *Psicanálise, contemporaneidade, relacionamentos interpessoais, narcisismo, desamparo.*

## **Considerations about the Establishment of Contemporary Interpersonal Affective Bonds**

### **Abstract**

*In studies about the subjectivation process in contemporaneity and the social context in which one is inserted nowadays, the contemporary world is often characterized by the ascension of the narcissism – or individualism – and consumerism as a baseline to all other recent changes. The excessive valorization of aesthetics; the influence of media and marketing and the culture of image; the loss of the “inner side” and inter-human interchanges; against the exacerbation of the superficial and external, appear as essential transformations to the new configuration of the so called “post-modern” subjectivation process, privileged and reinforced by capitalist society. Next to them, exists an individual discontent – a malaise in the individual’s life – usually*

*associated to an interior emptiness and general dissatisfaction in face of idealizations and self-esteem fluctuations. This work tries to understand how individuals establish affective bonds and social relationships in this contemporary context, connecting the contemporary context and relevant concepts to this study, including the idea of romantic love, narcissism and the "state of helplessness" in psychoanalysis, subject's development and a parallel discussion with social-historical texts. The study, of a theoretical character, is located in the intersection between "individual" and "society" – a subjectivity, therefore, formed internally, within the individual, and submitted directly to social influence – and analyzes the determinants and influences that they exert upon one and another, based on critical-reflective readings and textual analysis of works in the fields of sociology, psychosociology and psychoanalysis.*

**Keywords:** *Psychoanalysis, contemporary world, interpersonal relationships, narcissism, helplessness*

## **Consideraciones Sobre el Establecimiento de Vínculos Emocionales Interpersonales en la Contemporaneidad**

### **Resumen**

*En los estudios que se ocupan de los elementos subjetivos contemporáneos y de la sociedad en la cual operamos hoy en día, el mundo contemporáneo se caracteriza por la ascensión del narcisismo – o individualismo – y el consumismo como base de referencia a los recientes cambios sociales. La apreciación estética, la influencia de la publicidad, la cultura de la imagen, el detrimento de los intercambios interhumanos internos en contraste con la exacerbación de las transformaciones superficiales y externas surgen como esenciales para las nuevas configuraciones de los modos de subjetividad llamados "posmodernos", privilegiados y reforzados por la sociedad capitalista. Por ellos, también viene el malestar en la actualidad individual, generalmente asociado a un vacío interior, a las insatisfacciones generalizadas delante de las idealizaciones y a las oscilaciones de la autoestima. En esta investigación, tratamos de comprender cómo el individuo establece sus vínculos afectivos interpersonales dentro*

*de esta composición contemporánea, arreglando relaciones entre la actualidad y conceptos relevantes para el presente artículo, como por ejemplo la idea del amor romántico, el narcisismo y el estado de desamparo en psicoanálisis, el desarrollo del sujeto y el paralelismo que establece con textos históricos y sociales. El estudio, característico teórico, por lo tanto se encuentra en la intersección entre "individuo" y "sociedad" -una subjetividad, así, formada internamente en el individuo y sometida directamente a la influencia social- y analizará a los factores determinantes y las influencias que ejercen mutuamente un a otro, a través de lecturas crítica-reflexivas de las obras de los campos de la psicoanálisis, sociología y psicología.*

**Palabras-clave:** *Psicoanálisis, contemporaneidad, relaciones interpersonales, narcisismo, desamparo.*

## **Réflexions Sur la Mise en Place de Relations Interpersonnelles des Liens Affectifs Dans la Contemporanéité**

### **Résumé**

*Dans les études qui traitent avec le processus de subjectivation contemporain et de la société dans laquelle nous vivons dans le présent, le monde contemporain est souvent caractérisé par la montée du narcissisme - ou de l'individualisme - et la consommation par rapport à la ligne de base des relèves les plus récentes. La surestimation de l'esthétique, l'influence de la publicité, la culture de l'image, le détriment de l'intériorité et les échanges inter-humains, contrairement à l'exacerbation de la surface et de l'extérieur, apparaissent comme des transformations essentielles pour les nouvelles configurations de la subjectivité afin appelé «postmodernes», privilégié et renforcé par la société capitaliste. Avec eux, il arrive également le malaise dans l'actualité individuel, généralement associée au vide interne et mécontentements généralisés, en face d'idéalisations et des oscillations de l'estime de soi. Dans cet article, nous cherchons à comprendre comment l'individu établit ces liens interpersonnelles affectifs au sein de ce cadre contemporaine, par le établissement des relations entre*

*l'actualité et les concepts pertinents pour l'étude tels que: l'amour romantique, le narcissisme et la condition psychanalytique de l'abandon, le développement du sujet et le parallèle établi avec les textes historiques et sociales. Il s'agit d'une étude théorique qui se situe à l'intersection entre «l'individu» et «la société». Ainsi, la subjectivité interne formé directement dans l'individu et soumis à l'influence sociale. Il permettra d'analyser les déterminismes et l'influence qu'ils ont dans une autre. Les analyses seront exécutées par des lectures réflexives et critiques et bien aussi par des analyses textuels des articles scientifiques du champ sociologique, psychanalytique et psychosociologique.*

**Most-clés:** *Psychanalyse, contemporanéité, rapports interpersonnel, narcissisme, détresse.*

## Introdução

O presente estudo apresenta algumas ponderações acerca dos relacionamentos interpessoais e do estabelecimento de vínculos afetivos, contextualizados na atual sociedade da qual se faz parte. A atenção volta-se, assim, para conflitos característicos do mundo contemporâneo e, ainda, para como o sujeito se coloca e vivencia as constantes mudanças e instabilidades de ordem econômica, política e social. Desse modo, evidencia-se o reflexo da atual situação na maneira com a qual o sujeito estabelece seus vínculos afetivos e suas relações com o outro, como constrói, modela e modifica sua identidade, seus ideais e modos próprios de ser. O estudo se dará, assim, no inter-dito da relação entre “indivíduo” e “coletivo”, ou seja, na “tensão” entre essas duas construções.

Sabe-se que explicar as condições e contradições não significa, de fato, resolvê-las, mas quer-se crer que o sujeito só pode modificar a si mesmo e intervir na própria sociedade a partir do momento que desenvolve um conhecimento sobre ele próprio e o ambiente social externo. Confrontando-o com a própria realidade, possibilita-se ao sujeito construir coerentemente sua experiência e atuar em sua historicidade considerando, também, o contexto que o cerca.

## Caracterização Social do Mundo Contemporâneo

A sociedade contemporânea encontra-se envolta num complexo de eventos e informações que atingem os indivíduos simultaneamente, veiculadas, por sua vez, nas mais variadas formas de comunicação. Mobilidade, instantaneidade, flexibilidade, individualismo e consumo aparecem como partes muito características da sua constituição dinâmica. É, de certo modo, desconcertante, desordenada, caótica e, dessa forma, particularizada pelo inesperado e pelas inúmeras (e crescentes) possibilidades de ação e acontecimento.

Alguns autores da sociologia e da psicanálise denominam como pós-modernidade esse período caracterizado principalmente, dentro de um contexto social, pela exacerbação do individualismo hedonista e por uma subjetividade “consumidora” de objetos e mercadorias. Bauman (1999, 2001, 2004, 2008), dentre eles, designa ainda essa situação atual de “modernidade líquida”, atentando para o sentido “leve” e “fluido” com que se dão as relações na contemporaneidade, em clara oposição às características “sólidas, pesadas, condensadas, sistêmicas” da modernidade clássica. Os sentimentos mais profundos são atenuados, trocados por afetos passageiros; os dramas vivenciais, evitados; a existência se pauta na superficialidade, na fugacidade dos vínculos; “o que realmente conta é apenas a volatilidade, a temporalidade interna de todos os compromissos; isso conta mais que o próprio compromisso” (Bauman, 1999, p. 88). O “território” seria outro dos fatores que teria perdido seu valor e o poder de atração sobre aqueles que agora, na atual sociedade, podem se mover livremente. O medo, que antes era de mudanças, agora aparece vinculado à estagnação, já que a imobilização traz associada consigo ideias – às vezes precipitadas ou inconsideradas – de privação social e falta de liberdade.

Destaca-se, também, a superficialidade com que o sujeito lida com suas relações com objetos e com o consumo. Segundo Melman (2004), nunca se pensou tão pouco como nos dias de hoje; isso porque o trabalho do pensamento seria oriundo de obstáculos em experiências, coisa que pouco se encontra nessa política do consumo: tudo está ao alcance e é facilmente adquirido. Chama,

assim, a atenção para a legitimidade que os desejos contemporâneos possuem. Sendo legítimos, também se tornam legítimas as formas de satisfazê-los, e com satisfações impulsivas uma atrás da outra, numa eterna constância, o excesso hoje em dia se transformou em norma.

Numa mesma perspectiva, Fuks (1999) compreende esse período como marcado por um sentimento narcisista, e no qual, em relação à temporalidade, valoriza-se um presente transitório, volátil e eterno, um “efêmero renovável, que descarta o passado e se desinteressa pelo futuro. ... História, temporalidade e projeto, como mediação simbólica e regulação narcísica desaparecem” (Fuks, 1999, p. 69-70). O sentido da vida, dessa maneira, se transforma: não se buscam mais objetivos em longo prazo e, conseqüentemente, se corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo entre os homens. Acabam-se, assim, pouco a pouco, também os interesses sociais abrangentes e coletivos, bem como as redes de interações e vínculos pessoais duradouros.

Configurada numa era de avanços tecnológicos e processos de globalização econômicos, determinantes nas transformações atuais, essa época pós-moderna é responsável ainda por profundas mudanças no campo cultural e ideológico. Prevalece uma ideologia individualista, “do crescimento individual, superficialmente otimista” (Lasch, 1983, p. 78), uma cultura egocêntrica e que, segundo Debord (1967/1997), desponta como uma esfera geral das representações da vivência na sociedade espetacular, tida integralmente como mercadoria. A fabricação da própria “autoimagem” é instantânea, muito mais substituível e montada uma sobre a outra do que realmente construída e permanente.

Há que se considerar, a partir dessas rápidas constatações, a ligação existente entre as modificações de âmbito econômico e social e as transformações na vida pessoal e cultural dos indivíduos; estas últimas, muitas vezes, aparecem mais como “conseqüência” das primeiras, mas, ao mesmo tempo, são mudanças que corroboram a permanência e predominância das idéias macropolíticas. Sennett (2008), por exemplo, apresenta no seu livro “Carne e Pedra” a história do desenvolvimento das cidades associado diretamente aos seus habitantes, e sustenta que as formas

dos espaços urbanos específicos derivam das vivências corporais subjetivas de cada povo. Assim, afirma que o individualismo provém do século XIX, e surge na história ao mesmo tempo em que cidades proporcionam maior capacidade de livre circulação aos seus moradores, além de melhores condições de comodidade e prazer físico.

“Os novos inventos, a geografia da velocidade e a procura do conforto levaram as pessoas ao ‘individualismo’” (Sennett, 2008, p. 348), além de trazerem consigo a passividade dos corpos dos cidadãos. Segundo Sennett (2008), o movimento hoje é rápido; a logística da velocidade aliena o corpo dos espaços pelos quais se desloca. Sua transitividade desliga-o cada vez mais dos lugares pelos quais se movimenta, ou seja, desvalorizam-se os cenários graças à circulação, e perde-se, assim, a noção do destino compartilhado com outros circulantes. Arendt (1958/1987) também faz considerações interessantes a partir desse aspecto, afirmando que a velocidade conquistou o espaço e, ao mesmo tempo, eliminou a importância da distância – algo que, claramente, aparece de forma análoga ao se considerar o homem e sua relação com objetos ou com o outro.

Tais discussões também exacerbam a ideia de imagens e classificações instantâneas daquilo que se vê, simples e genericamente, baseada em estereótipos sociais. Esse julgamento “instantâneo” leva o indivíduo a se fechar inteiramente e, confrontado com a diferença, assume uma atitude passiva. Nesse sentido, a velocidade do automóvel é colocada por Sennett (2008) como exemplo de um dos recursos estimulantes desses julgamentos liminares e do uso de símbolos e ideias já prontas, pré-determinadas; o novo ambiente urbano converteu-se, assim, em uma tríade de velocidade, fuga e passividade.

A ideia do conforto individual – associado à diminuição e relaxamento da estimulação locomotora e à comodidade, por exemplo – vincula-se também ao modo de lidar com as sensações perturbadoras e às vezes ameaçadoras da sociedade multicultural em que se vive. O prazer do conforto busca compensar a fadiga e aliviar a carga do trabalho. Ao mesmo tempo, o repouso reduziu a sensibilidade do corpo, que aparece em uma relação mais passi-



va com o ambiente, e cada vez mais solitária.

Evidenciando a coexistência de variação e indiferença em cidades, Sennett (2008) sustenta que a multiplicidade não incita as pessoas a interagir. O individualismo concretizou o silêncio dos cidadãos na cidade; os cenários onde antes pessoas conversavam hoje são apenas lugares apreciáveis visualmente – elas simplesmente simpatizam com as paisagens ao redor. Assim, todos compartilham um sentimento geral de estranheza e abdicam da vida em comum com os outros. “As pessoas não acolhem as diferenças, a dessemelhança cria hostilidade, a melhor expectativa está na tolerância” (Sennett, 2008, p. 360); vivem, portanto, na individualidade e passividade dos corpos. Lasch (1987) relaciona essa configuração da subjetividade contemporânea com a inserção da prática consumista atual, afirmando que:

[...] os arranjos sociais que sustentam um sistema de produção em massa e consumo de massa tendem a desencorajar a iniciativa e a autoconfiança e a incentivar a dependência, a passividade e o estado de espírito do espectador, tanto no trabalho como no lazer (Lasch, 1987, p. 19).

Sendo assim, o sujeito pós-moderno mantém-se isolado e passivo, fechado no próprio individualismo e inserido numa condição permanente de dependência de estímulos externos. Cícero (2008) discorre sobre algumas das características desse homem contemporâneo que se desenvolve sem conhecer limites pré-estabelecidos, tendo pela frente infinitas possibilidades de mudanças que lhe são mostradas a todo tempo pela mídia, geralmente vinculadas a ações, produtos e objetos de consumo. “Ora, sendo infinitas as suas possibilidades e finita a sua realidade, o homem (pós-)moderno não pode deixar de conhecer intimamente a frustração, ao passo que mal conhece a segurança da estabilidade social ou a felicidade do contentamento” (Cícero, 2008, p. 12). Contraposto a um mundo de promessas ilusórias e inúmeras possibilidades de transformação veiculadas pelo cinema, Internet e televisão, por revistas e jornais, tudo parece possível e alcançável ao sujeito contemporâneo.

Dentro de tal configuração, são verificadas transformações e novas cartografias de subjetividade: denotam-se, assim, nos campos afetivos e sociais, novos cursos, composições, maneiras de ser e pensar, entender, prevalecer, privilegiar. O estético passa a ser supervalorizado, priorizado pela sociedade e associado à inclusão grupal; a insegurança individual referente à aceitação ameniza-se; o sujeito ganha uma espécie de proteção ilusória e uma possível garantia de admissão num conjunto social que compartilhe das mesmas ideias e concepções que possui. O que mais importa, enfim, é aquilo que é visível, o que é aparente; a interioridade, em constante detrimento, agora se submete às novas necessidades visuais e externas.

Segundo Lasch (1987), a maneira como o sujeito atual se relaciona com a sociedade e organiza sua mentalidade se reporta diretamente a uma ideia de sobrevivência psíquica, incentivada por traços característicos da cultura atual. Desse modo, o autor mostra como as condições sociais vigentes que formam a concepção de mundo subjetiva é que encorajam uma contração defensiva do eu. Salienta, ainda, que as renovações tecnológicas constantes visam sempre uma restauração das ilusões narcisistas de onipotência, e essa transformação social profunda substitui o antigo e confiável mundo de objetos duráveis por um que agora é essencialmente imagético, oscilatório, e cada vez mais indistinguível, no que concerne à dicotomia “realidade” e “fantasia”.

Um dos efeitos consequentes dessas práticas é a cultura prioritária da imagem e todos os ideais ligados a ela. Baudrillard (1970/2003) segue pelo mesmo caminho e afirma que o volume, a velocidade e a diversidade da produção de imagens na sociedade contemporânea conduzem a um tipo de experiência social e subjetiva qualitativamente diferente, na qual distinções entre realidade e imagem são abolidas e a vida cotidiana é levada à estetização generalizada.

Essa velocidade e diversidade voltadas ao imagético do mundo contemporâneo trazem consigo mudanças diretamente associadas ao indivíduo que as vivencia. Como salienta Birman (2001), o sujeito contemporâneo não é mais capaz de seguir tudo que ocorre e assimilar tudo o que ouve, que vê; salienta, em ou-

tros termos, que os instrumentos subjetivos interpretativos não dão conta de acompanhar a rapidez dos acontecimentos. Relacionando tal fato às novas formas de subjetivação, e sua consequente problemática atual, surge então a questão do mal-estar contemporâneo, "[...] já que o mal-estar se inscreve sempre no campo da subjetividade. Enquanto contraponto de um suposto bem-estar, o mal-estar é a matéria prima sempre recorrente e recomeçada para a produção de sofrimento nas individualidades" (Birman, 2001, p. 15).

A subjetividade contemporânea, muitas vezes, é considerada como sendo socialmente instituída. O referido autor aponta que nas últimas décadas, no Ocidente, dentro de uma nova configuração do social, a fragmentação das subjetividades ocupa uma posição fundamental e é matéria-prima na invenção de outras modalidades de subjetivação. O que existe, comumente, em todos esses novos modos de construção de subjetividades, é a posição privilegiada e central do "eu". Enfatiza-se mais essa exterioridade e autocentramento narcisista, o desejo destina-se ao exibicionismo e o subjetivo aparece destituído e esvaziado de trocas inter-humanas. Consequentemente, ocorre uma crescente volatilização da solidariedade, cada vez mais desvalorizada, e é progressiva a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença.

Ainda de acordo com Birman (2001), o sujeito contemporâneo inserido na cultura pós-moderna:

[...] encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto, como um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir. (...) Na ausência de projetos sociais compartilhados, resta apenas para as subjetividades os pequenos pactos em torno da possibilidade da extração de gozo do corpo do outro, custe o que custar (p. 31).

Nesse sentido, ao ver o outro necessário apenas como objeto para a obtenção temporária de gozo, o indivíduo contemporâneo não o considera um sujeito igual a si e, caracterizado enquanto manipulável, também é tido como descartável. Bauman (2004) chama a atenção para essa questão da "descartabilidade" dos seres humanos ao associá-la com programas televisivos, em especial os

reality shows, que explicitam também a desconfiança e colocam como natural o fato de os indivíduos se encararem uns aos outros com suspeita, como competidores, numa batalha eterna e sem escrúpulos. A produção de vínculos interpessoais decai, bem como o controle do sujeito sobre o presente e as perspectivas que tem para o futuro, graças também à ideia instaurada de que todos são potencialmente redundantes ou substituíveis, vulneráveis, e que nenhuma posição social é segura ou garantida.

Com um futuro cheio de incertezas, qualquer chance não aproveitada é uma chance perdida; dessa maneira, quanto mais superficiais forem os compromissos, menor será o dano. Nessa lógica, os laços e parcerias se estabelecem para serem consumidos, e não produzidos. Tais ações de usufruto e descartabilidade humana junto à busca pelo crescimento individual e pelo êxito financeiro, a ascensão do narcisismo e do espetacular e a desvalorização daquilo que é diferente ou solidário caracterizam bem como se dá grande parte das relações sociais no mundo tido como líquido, pós-moderno. As formas de associação fugazes parecem mais úteis às pessoas do que as conexões de longo prazo e, a partir de então, a transitoriedade adquire uma vantagem estratégica sobre a durabilidade.

Tendo o “eu” como prioridade, o indivíduo contemporâneo baseia seu sentimento de identidade no hedonismo. Contrapondo-se sempre ao constante mal-estar do cotidiano, ele passa a figurar o suposto bem-estar, bastante associado aos prazeres físicos, numa espécie de “bússola moral da vida; (...) Família, pátria, Deus, sociedade, futuras gerações, só interessam ao narcisista como instrumentos de auto-realização, em geral entendida como sucesso econômico, prestígio social ou bem-estar físico e emocional” (Costa, 2004, p. 185).

O consumo ganha espaço nessa procura por um bem-estar físico e emocional associada às questões de prazeres imediatos e, dessa maneira, desvinculados de qualquer significação. Em outras palavras, o sujeito passou a estabelecer uma relação entre a aquisição de objetos materiais e a felicidade generalizada: uma satisfação praticamente instantânea, apesar de momentânea, e nada mais para além disso.

“A satisfação que chega mais rápido também é a primeira a morrer”, já declarava Sêneca (citado por Bauman, 2008, p. 194), e é dessa maneira que se sustenta a prática consumista atual: o mercado só tem interesse em manter constantemente suas vendas, independentemente daquilo que já foi vendido. As mercadorias novas sempre são mais desejáveis, com melhores desempenhos ou simplesmente mais bonitas, e a “ilusão” que as cerca é suficiente para que o já vendido torne-se obsoleto rapidamente. A descartabilidade, antes associada às relações interpessoais, instaura-se de modo parecido aqui também. O consumidor, que antes só obteve uma satisfação rápida e temporária por meio da aquisição de algo, já busca de novo um objeto que o satisfaça novamente. No mundo contemporâneo, onde não há segurança dos compromissos e poucas ligações se estabelecem por longo prazo, a “satisfação instantânea” parece algo razoavelmente prazeroso, ao mesmo tempo em que seu adiamento é diretamente associado ao descontentamento.

As práticas do comprar e “ter” recebem bastante estímulo e atenção quando associadas ao caráter estético do sujeito contemporâneo. Os principais meios responsáveis pela propagação e manutenção desses ideais, apontados pela maioria dos críticos da pós-modernidade, são a mídia e a publicidade. “A percepção da realidade é operada através da mídia, estabelecendo-se assim uma diferenciação frequentemente nebulosa entre realidade, representação e encenação” (Fuks, 1999, p. 71). A mídia, desse modo, se coloca como modeladora de acontecimentos e atua diretamente na formação de opiniões públicas.

Os meios de comunicação não só atingem os indivíduos que, passivamente, recebem seus informes; há também as instâncias da comunicação que mediam os contatos interpessoais dos dias de hoje, cada vez mais presentes e acessíveis, e que colaboram para um distanciamento ainda maior entre os sujeitos. Como muito bem observa Birman (1997):

Quando as técnicas de comunicação passam a substituir os contatos imediatos das pessoas com as outras, (...) estas perdem parcelas significativas da sensorialidade direta e das paixões provocadas pelos impactos dos outros. (...) Deixam de existir rostos, substituídos por

máscaras, nas quais o tempo não se revela mais pelas marcas na pele. Portanto, as individualidades se transformam em seres estranhos, em verdadeiros autômatos (p. 216).

Com a estética recebendo tanta atenção na contemporaneidade, outro aspecto que ganha, paralelamente, sua importância fundamental é o “olhar do outro” sobre o sujeito. Além da relação simbiótica entre aquele que enaltece e o que conserva esse jogo de aparências, aparece implícito um vínculo identitário entre as partes, que pode envolver admiração, desprezo ou inveja, todos submetidos apenas à imagem. Sendo assim, a partir do enaltecimento da individualidade e da exacerbação da privacidade alheia, o contrário também acontece: o público, “colonizado” pelo privado, tem seu interesse reduzido ao interesse das vidas privadas de figuras públicas. A indiferença disseminada atualmente, perante ações no público e no político, surge paralela ao interesse voltado às aparências individuais e pessoais.

Há, ainda, um último aspecto que merece atenção dentre tantas partes a serem destacadas: nessa configuração pós-moderna, na qual a imagem é superestimada, a linguagem também perde seu espaço. Na era cibernética, fica reduzida simplesmente à informação ou mensagem e não configura mais aquela comunicação pactual e recíproca entre os sujeitos. Em outras palavras, a linguagem não possui mais o “poder de dizer” e ainda se mantém privada de qualquer intensidade interpessoal, mantendo-se na superficialidade da mensagem em questão. As relações se reduzem àquilo que surge – aparece –, àquilo que parece ser e, principalmente, a tudo aquilo ligado ao que é externo, ou seja, à aparência.

Nessa composição contemporânea se dá a convivência, análoga à caracterização cultural do consumo, do imediatismo e do passageiro que enaltece, justamente, a satisfação rápida e garantida. Traz, junto consigo, a fragilidade dos vínculos e a insegurança, os desejos conflitantes de ligação e liberdade entre os seres humanos e, mais especificamente, a tensão que perpassa a escolha egocêntrica que, ao mesmo tempo, também é atingida pelo mal-estar atual do estado de desamparo.

## O Desamparo como Condição da Contemporaneidade

A concepção de desamparo parece ilustradoramente adequada para se referir a uma condição mais ou menos instaurada no âmbito social. Esse ponto de vista estabeleceria, em parte, um contraponto com as ideias de narcisismo e individualidade que perpassam os tempos atuais.

Define-se, portanto, essa ideia referente ao desamparo a partir da teoria psicanalítica, acompanhando uma linha de raciocínio e desenvolvimento do conceito tido também enquanto metapsicológico, conforme apresenta Pereira (1999). Ainda que esse “estado de desamparo”, nas obras de Freud, não apareça como um conceito fechado, e sim uma noção que possui seu sentido específico (Laplanche & Pontalis, 2001), esta não deixa de ser uma construção essencial dentro da teoria psicanalítica. Ela perpassa todos os momentos da obra freudiana, tomando para si sentidos um tanto diferentes uns dos outros, mas complementares, ao longo do desenvolvimento da psicanálise.

Num primeiro momento, a ideia de desamparo aparece em “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1895/1996a) como parte do desenvolvimento da criança. Assim, o “desamparo inicial” equivale à necessidade absoluta de ajuda por parte do bebê, indicando que este se encontra num estado de atrelamento e dependência radical do outro, enquanto essencial à sua sobrevivência. O desamparo infantil implica, então, uma primeira abertura do bebê ao mundo adulto, e toma para si o sentido prototípico de situação traumática. Quando desamparado e incapaz de satisfazer suas próprias necessidades, sofre a angústia.

Já em “Inibições, sintomas e angústia” (Freud, 1926/1996e), a noção vem associada ao medo da perda do amor daquele ser que ocupa a função de protetor. Assim, essa angústia origina-se pelo medo da separação, sinalizando a necessidade de evitação de uma situação perigosa ao sujeito. Desamparo, angústia e perigo se atrelam, se remetem uns aos outros. Segundo Freud (1926/1996e), o perigo até a primeira infância é o da perda do objeto; até a fase fálica, o perigo é o da castração; até o período de latência, o medo

imposto pelo próprio superego. Sentir-se amado pelo “ser superior” representaria aqui, no inconsciente, uma proteção contra todas as ameaças.

Num terceiro momento, a noção do “estado de desamparo” já aparece não mais como apenas momento do funcionamento do psiquismo, mas também como uma condição, relacionada à questão da renúncia pulsional em prol de uma sociedade civilizada e remetida ao medo da perda do amor de outra pessoa da qual é dependente, que acompanha o sujeito por toda a sua existência; o desamparo do adulto “continua” o desamparo da criança que havia despertado, no sujeito, a necessidade de proteção. Tal discussão perpassa todo o texto antropológico de “Totem e Tabu” (Freud, 1913/1996b), por exemplo, no que concerne aos sentimentos ambivalentes dos filhos/irmãos frente ao pai que é, ao mesmo tempo, tirânico e protetor. Em “O futuro de uma ilusão”, Freud (1927/1996f) o emprega como condição última e não superável de falta de garantias que o homem tem de enfrentar quando se livra de todas as ilusões protetoras que criou para si mesmo. De acordo com o autor, o desamparo sempre permanece e, junto dele, há um anseio intrínseco pelo pai ou pelos deuses, enquanto representantes de proteção e segurança. Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/1996g) o coloca referindo-se à subordinação de uma pessoa mais “fraca”, dependente, a uma mais forte, como uma tentativa de dar conta da angústia do desamparo, também remetido à temeridade da perda do amor recebido dessa pessoa.

Percebe-se, por fim, que a noção de “estado de desamparo” dentro da teoria psicanalítica expande-se alinhada ao desenvolvimento da ciência freudiana. Em um primeiro momento aparece bastante associado às concepções fisiológicas da formação do sujeito relacionadas, ainda, à sua desenvolvimento psíquica. Nas suas últimas reflexões, apresenta-se a partir de um ponto de vista psicossocial, tido como estado insuperável da existência do ser humano adulto frente às condições do mundo externo. Verifica-se, assim, que Freud estabelece alguns sentidos bastante específicos sobre o estado de desamparo, inter-relacionados uns com os outros. Constrói, portanto, um ideário acerca do desamparo que permite reflexões para além da psicologia do desenvolvimento infantil, da metapsicologia psicanalítica ou da gênese de psicopato-



logias, mas que atinge também os estratos de estudo das ciências sociais – mais especificamente, antropológicos e sociológicos.

Considerando agora o contexto da sociedade pós-moderna, Fuks (1999) sustenta que as políticas neoliberais, pautadas no consumo, trazem consigo o neoindividualismo e resultam na fragmentação social e na ruptura de laços de sociabilidade, ou seja, de aberturas intersubjetivas. O que se compromete, desse modo, são os recursos elaborativos disponíveis para enfrentar as ameaças e carências da atualidade. Como visto num primeiro momento do presente artigo, a atualidade se reconfigura pautada em certos ideais individualistas e ilustrada pela decadência de instâncias “protetoras”, nos seus mais variados modos de apresentação. Assim, o desamparo não só caracteriza a construção de um projeto civilizatório e cultural, mas agora, também, surge como marca fundamental da pós-modernidade, caracterizada justamente pelo declínio de uma “figura” de certezas, de segurança e proteção – seja esta o Estado, a comunidade, a religião ou mesmo a ciência (ou paradigmas científicos) enquanto detentores de verdades e confiança absolutas.

O sujeito, por fim, tem de lidar com essa relação “conjunta” entre o narcisismo e o desamparo, ou ainda liberdade e dependência, autonomia e submissão. Desse modo, portanto, “o sujeito é a versão deflacionada da grandiloquência do eu narcísica. Visto desse ângulo, a onipotência e a impotência são, por conseguinte, lances do mesmo jogo de linguagem, o da *autonomia x heteronomia*” (Costa, 2007, p. 70). Tal concepção acerca do sujeito e do dinamismo social, ao relacionar as características narcísicas presentes nas personalidades atuais e o consequente desamparo frente ao mundo externo e à sociedade, inscreve-se diretamente na instância das relações interpessoais e no estabelecimento de vínculos afetivos que aparecem, na atualidade, bastante associados às ideias de limitação e opressão.

## **Os Vínculos Afetivos: Do Amor Romântico aos Tempos Atuais**

Nos textos que escreveu acerca do amor romântico, Costa (1998, 1999) trata essa condição como um ideal de interação so-

ciocultural, decorrente da criação dos estados modernos e da ascensão da classe burguesa. Dessa maneira, coloca-o, enquanto construção de identidade psicológica, como imposto na sociedade daquela época com fins de favorecer a formação das famílias nucleares, incentivando, assim, o aprendizado da autonomia e independência burguesa e de suas “configurações” socioafetivas na cultura.

Dessa maneira, o amor romântico seria historicamente concebido e incentivado, além de culturalmente imposto. Esse ideal do amor bem-sucedido já não encontra suporte suficiente na “realidade afetiva” dos sujeitos pós-modernos; vários são os impasses culturais para que ele não mais se sustente da forma como era, como se verá mais especificamente a seguir.

Segundo o referido autor, dois são os grandes conjuntos de noções psicanalíticas sobre o amor dentro da metapsicologia freudiana. Num primeiro momento, anterior à formulação teórica do narcisismo, Freud (1914/1996c) considerava-o um derivado direto da libido, como complexo emocional que poderia tanto acompanhar a sensualidade genital, decomposta em sensações corporais e sentimentos (afetivos ou de ternura, por exemplo), quanto surgir como produto das transformações da pulsão sexual parcial, por meio do recalque, inibição ou sublimação. As instâncias responsáveis pelos destinos da libido e da conversão de sensualidade em amor seriam a censura moral e, posteriormente, o superego.

Freud (1914/1996c), na obra “Sobre o narcisismo: uma introdução”, estabelece um novo viés sobre a problemática do amor ao estudar o narcisismo. Define este último como uma etapa do desenvolvimento do ego, e assim, do desenvolvimento libidinal e das relações de objeto; seria, por excelência, posterior ao “autoerotismo”, estado que precede a existência de uma instância egoica. No que concerne às pulsões investidas, o autor estabelece uma diferenciação entre o que chamaria de “libidos do ego” e “libidos objetais”, opondo-as uma à outra e, ao mesmo tempo, considerando-as mutuamente variáveis. Laplanche e Pontalis, dentro do verbete “Narcisismo” do Vocabulário de Psicanálise (2001, p. 287), salientam que Freud, ao se referir a uma espécie de “princípio de conservação da energia libidinal”, estabelece um equilíbrio entre

a “libido do ego” (que é investida ou reinvestida no próprio eu) e a “libido objetal” (investida externamente), sendo que quanto mais uma absorve, mais a outra se empobrece; assim, considera o ego como um “grande reservatório de libido” de onde a libido é enviada aos objetos, e que também está sempre pronto a absorver libido deles proveniente.

As do primeiro modelo (libidos do ego) se reportam principalmente às libidos investidas externamente que, num momento ulterior, retornam ao ego do próprio sujeito – num movimento chamado de “narcisismo secundário” por Freud. As do outro tipo, referentes às catexias libidinais voltadas para objetos externos ao sujeito, atingiriam sua fase mais elevada do desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada – referir-se-iam a um indivíduo que renuncia a suas próprias demandas pessoais em favor de um investimento objetal.

Após essas especulações iniciais sobre as catexias referentes ao narcisismo, Freud (1914/1996c) deixa em segundo plano o interesse acerca da energia pulsional do amor e passa a estudar, essencialmente, o tipo de objeto implicado na escolha amorosa. Divide, assim, o amor em “amor narcísico” e “amor anaclítico” (ou por apoio), considerando que nos dois casos há um desejo de recuperar o amor que a criança teve ou imaginava ter. Há, aqui, uma relação íntima com a noção de desamparo e com a tentativa de reaver o amor que antes dava ao sujeito garantias, mesmo que imaginárias, de proteção contra todas as ameaças externas.

No “amor narcísico”, o sujeito ama alguém que somente é amado por reproduzir sua própria imagem; indiretamente, ama a si mesmo, refletido e concebido pelo outro. Por essa caracterização, este seria tido como um amor egoísta e imaturo. Já no “amor anaclítico”, ao contrário, o objeto externo alvo do amor já é percebido, desde o início, como diferente; por conta disso, é considerado já um amor altruísta, amadurecido e realmente voltado para o outro.

O sujeito “narcisista” trata, então, seu próprio corpo como um objeto sexual e a ele próprio direciona grande parte do seu investimento libidinal, além de contemplá-lo e afastar qualquer coisa que o diminua. Essa retirada das catexias libidinais do objeto para o próprio ego representa para o indivíduo, segundo Freud

(1914/1996c), “um novo amor feliz”: o “si mesmo” – imagem representativa e unificada que o sujeito tem dele próprio – tomado como objeto de amor caracteriza o narcisismo.

Freud (1915/1996d) salienta, ainda, que o amor é originalmente narcisista e, posteriormente, passa aos objetos que foram incorporados a um “ego ampliado”: desse modo, se expressa em esforços motores, na direção dos objetos escolhidos e tidos como fonte de prazer, enlaçando-se intimamente com a atividade das pulsões sexuais ulteriores. Quando o amor é correspondido, portanto, cada um é, para o outro, fonte de prazer em potencial e, ainda, um investimento privilegiado. Mas, apesar de a escolha do objeto ser a última “etapa” na progressão do desenvolvimento libidinal em relação ao objeto – desenvolvimento esse que passa pelo autoerotismo e narcisismo –, ela não supõe, necessariamente, o abandono do narcisismo.

O que se observa, a partir da análise bibliográfica de vários casos atuais na terapia psicanalítica, são as diferenças entre as demandas contemporâneas – em grande número, classificadas como narcisistas ou pré-edípicas – e aquelas dos primeiros anos da teoria. Hoje, ao contrário de com os indivíduos que antes eram severamente reprimidos, com uma rígida moralidade imposta, a psicanálise lida com pacientes impulsivos, que encontram seus problemas justamente ao exprimirem seus conflitos ao invés de reprimi-los. Estes permanecem, ainda, na superficialidade das relações emocionais interpessoais, devidamente protegidos de sentimentos intensos e negativos; no geral, queixam-se de uma sensação de vazio, ao mesmo tempo em que, antagonicamente, nutrem fantasias de onipotência e sentem-se no direito de “explorar” o outro para gratificação pessoal.

Para Birman (2006), a noção de alteridade dentro da existência é hoje desqualificada e quase sem espaço no que concerne à moral hedonista do narcisismo, enquanto o outro é reduzido apenas a um objeto de gozo, quase descartável, perante o crescimento do eu à custa daquele. Evidencia-se, pois, o indivíduo autossuficiente, que não reconhece na diferença do outro a sua incompletude, e corrobora a diminuição cada vez maior da solidariedade. É justamente nessa intersecção entre o desamparo e a onipotência que

oscila a subjetividade humana, segundo a psicanálise do eu e do narcisismo, indicando, assim, os extremos de onipotência, por um lado, e de extrema fragilidade, por outro.

A partir dessas constatações, o referido autor nomeia e divide as formas de mal-estares contemporâneos em três categorias – ou registros: o do corpo, mais eminente por se estar sempre faltoso em relação a ele e a um imaginário corporal dominante, relacionado diretamente com os discursos médicos de saúde e longevidade; o da ação, indeterminada, que parte das individualidades contemporâneas carregadas por um “excesso” exigente que as impele à atividade para que possam livrar-se da angústia – como se o eu escolhesse o “explodir” ao invés de o “implodir-se”; e o do sentimento, que surge imediatamente frente a uma afetação, antes dos registros do corpo e da ação e intrínseco a eles, relacionado a uma subjetividade que se fecha em forma de dor. Este último registro caracterizaria, justamente, a subjetividade contemporânea como essencialmente narcísica por não se abrir para o outro em busca de apelo e, acima de tudo, não se apresentar insuficiente e dependente.

De acordo com Lasch (1983), esses pacientes “narcistas” da contemporaneidade sofrem, essencialmente, de distúrbios e oscilações da autoestima. Porém, seus traços característicos – a exemplo da manipulação das relações interpessoais e da ausência de compromissos – são valorizados por instituições e empresas corporativas, o que lhes confere a aprovação necessária para validarem novamente sua autoestima e gozarem dessa posição de sucesso.

O narcisismo parece realisticamente representar a melhor maneira de lutar em igualdade de condições com as tensões e as ansiedades da vida moderna, e as condições sociais predominantes tendem, em consequência, a fazer aflorar os traços narcistas presentes (Lasch, 1983, p. 76).

O autor sustenta, então, que o conseqüente enfraquecimento dos vínculos sociais, com origem nas condições de bem-estar social, reflete também uma defesa narcista contra a dependência.

Desse modo, o sujeito projeta suas próprias ansiedades interiores que, embora concordem com as normas sociais, convencem-no de que até mesmo as relações mais íntimas são dominadas exclusivamente por inveja, exploração e desonestidade. Desencanta-se, assim, pelas relações interpessoais e fortalece ainda mais a ideologia narcisista, reforçada pelas condições sociais instauradas e pelas suas próprias convicções “projetadas” externamente.

A partir desses pressupostos, considerando a caracterização social atual, Costa (1999) destaca alguns dos elementos que outrora garantiam a solidez da ideia de amor romântico e, na época atual, entraram em declínio: família, pudor, vergonha, repressão sexual, respeito pela intimidade, sacralidade do matrimônio, a diferença existente entre homens e mulheres em relação à liberdade sexual, dentre vários outros. Em contrapartida, lida-se, na contemporaneidade, com novos elementos sociais antes não tão influentes, como o culto ao corpo e aos prazeres físicos, drogas, liberação sexual e a repulsa ao sofrimento, principalmente; essa reconfiguração das “prioridades” sociais modifica, paralelamente, outras representações que se inserem na cultura e são influenciadas diretamente por ideais vigentes. O amor do *romantismo amoroso*, por exemplo, acaba sendo definido como um só dentre tantos outros possíveis evidenciados, principalmente, nos tempos atuais.

Ainda segundo Costa (1999), o amor é tido, por fim, como um complexo emocional, composto de crenças, julgamentos, sentimentos e sensações, enraizado na cultura e diretamente ligado à situação social, porém, não inscrito na estrutura do psiquismo como uma modalidade de sentimento a-histórico.

## **O Mal-Estar Atual nas Relações Afetivas: À Guisa de Conclusão**

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/1996g) volta-se para uma questão existencial que perpassa os indivíduos: Qual seria, para os próprios homens, a intenção e o propósito de suas vidas? E responde, sem dúvidas: todo o esforço é em prol da felicidade, todos querem ser felizes e permanecer felizes. É o método mais tentador de conduzir a vida: a satisfação, sem restrições, de

todas as necessidades.

Divide, então, essa felicidade em dois aspectos: um visando à ausência de sofrimento, e outro, à prática de sentimentos intensos de prazer. Considerando a árdua experiência que a vida é para os homens, Freud menciona como um de seus “atenuantes” mais eficazes as satisfações substitutivas – envolvendo deslocamento libidinal para um objeto ou para ações passíveis de realização –, tendo estas o caráter de ilusões frente à realidade, mas, nem por isso, sendo consideradas menos eficientes psiquicamente, graças ao papel significativo que a fantasia assumiu na vida mental.

No mundo contemporâneo, o consumo, por exemplo, toma pra si muito desse investimento substitutivo que busca a felicidade; tanto na forma de objetos materiais quanto no próprio ato de comprar, o indivíduo assume um papel de quem tem pleno domínio sobre a ação, o quanto e quando a realiza, e, conseqüentemente, um controle ilusório relacionado com satisfação e contentamento.

Já em relação à infelicidade e ao sofrimento, Freud diz que ameaçam os indivíduos a partir de três meios: o detrimento natural de seu próprio corpo, o poder superior do mundo externo voltado contra eles e seus relacionamentos com os outros homens. “O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro” (Freud, 1930/1996g, p. 95). Todo esse campo dos relacionamentos sociais é dominado pela “frustração cultural” que emerge da renúncia da satisfação de poderosos instintos necessária à construção de uma civilização.

É justamente no âmbito dos relacionamentos interpessoais que se verificam algumas das modificações mais contundentes desses últimos anos. Nessa nova configuração social, já exposta nos tópicos anteriores do presente trabalho, pode-se verificar que os laços amorosos, por exemplo, passam a ser inscritos numa instância secundária da existência e, de certo modo, relacionam-se diretamente com prazer e maximização do seu gozo, como definem alguns autores. “Como o amor implica entrega, a perda de algo que é fundamental na economia narcísica, (...) ele se torna problemático nesse contexto cultural” (Birman, 1997, p. 229). O valor do outro se resume apenas a quanto ele, enquanto corpo, pode ser consumido e posteriormente assolado pelo indivíduo em questão.

A partir desse cenário, o vínculo interpessoal – assim como todos os outros objetos de consumo – acaba se caracterizando por também ser algo do qual se espera uma satisfação imediata; de outro modo, seria rejeitado se não correspondesse ao esperado, e permaneceria em vigor apenas enquanto continuasse a dar satisfação.

Segundo Fuks (2003), o sujeito pós-moderno se mantém indiferente em relação aos afetos; na contemporaneidade, ele se insere apenas naqueles relacionamentos menos densos, sem paixões intensas ou vínculos duradouros, e constrói, dessa maneira, uma existência que não suporta tragédias; vive leve, enfim, sem dramaticidades na construção da sua história. Há, ainda, prevalência da aparência em detrimento de qualquer profundidade dentro das relações interpessoais, e o campo visual se impõe frente às emoções, pensamentos ou palavras.

Desse modo, o valorizado é justamente a capacidade de fugir e de escapar dos sentimentos mais profundos, de viver bem em um mundo fácil, que questiona e afasta qualquer tipo de vínculo tido como possessivo. O desengajamento aparece aqui como uma nova forma de poder e de dominação, que anda em paralelo à fragilidade e efemeridade das relações. A fluidez isola e entrava o surgimento de vínculos interpessoais, que passam a ser apenas formais e superficiais – um “falso vínculo” (Haroche, 2004, p. 229) – ou, até mesmo, uma ausência de vínculos.

Essa leveza das ligações traz consigo uma ideia de liberdade, de escolhas substituíveis e variadas; Bauman (2008), porém, sustenta que tal liberdade de agir conforme seus impulsos e desejos sem nenhuma segurança não tende a causar menos infelicidade do que a segurança sem liberdade. Os dois valores aparecem como desejáveis, mas, também, enquanto causa de sofrimento – são ambivalentes em si mesmos e em suas coexistências. Colocado de outro modo: o compromisso implica inevitavelmente sacrifícios parciais e, a partir daí, causa sofrimento; a leveza traz consigo o “mal-estar” contemporâneo da incerteza, impotência e inadequação – a ânsia por felicidade, então, tende a ser frustrada nos dois casos. O autor coloca o equilíbrio entre os dois valores como logicamente incongruente, como impossibilidade prática, mas destaca que não é por conta das dificuldades em se lidar com essa dico-



tomia que se devem abandonar as tentativas.

Na contemporaneidade, a escolha claramente é pela liberdade, e a ansiedade passa a ser o sentimento que permeia a sociedade: é o preço a pagar pelas liberdades individuais e pelas novas formas de responsabilidade. A falta de ideais, de receitas inequívocas para a garantia de uma boa vida é o que atormenta os indivíduos na atualidade. Bourdieu (1998) classifica como “estado de precariedade” o medo que atinge consciente e inconscientemente os sujeitos contemporâneos, associado a essa falta de controle sobre o presente e a um sentimento permanente de incerteza sobre o futuro. Traz consigo, além de efeitos “concretos” no âmbito social, algumas consequências psicológicas, ligadas à variabilidade de posições sociais ou mesmo de relações interpessoais.

Diante do sentimento de impotência com relação a essa situação, Castoriadis (citado por Bauman, 2008) sustenta que a sociedade – ou seja, os indivíduos considerados enquanto grupos ou comunidades – deixou de ser autônoma, autogerenciada e questionadora, e passou a ser dirigida por “outros”, a aceitar placidamente o destino que lhe é imposto, sem esperanças de modificar ou determinar nada, numa “conformidade universalizada”. Assim, com toda a liberdade e sem nenhum domínio sobre a situação social que vivencia, o sujeito acaba por tornar-se indiferente em relação aos outros; de certo modo, importa-se apenas com aquilo que lhe diz respeito e sobre o qual pode agir; sua própria vida passa a ser uma história dividida numa série de episódios descontínuos, sem interesses pelo passado e visando apenas o presente. A memória torna-se, de certo modo, efêmera.

Porém, a história é marcada justamente por contínuas mudanças no que diz respeito às ideologias referentes à sociedade, ao sujeito e às relações pessoais. As contingências alteram-se frequentemente e, junto delas, as concepções e compreensões dos indivíduos sobre a vida em sociedade também: na verdade, influenciam-se, mutuamente. Esse presente recorte de estudos sobre a contemporaneidade evidencia o posicionamento de alguns pesquisadores acerca das atuais condições da vida e demonstra alguns aspectos que a caracterizam, mais especificamente, no

que concerne às subjetividades contemporâneas e aos relacionamentos interpessoais atuais. Mostram, também, algumas das circunstâncias que se ligam à ideia de mal-estar na atualidade; crê-se que isso já representa um primeiro momento para se compreender e repensar alguns fatores referentes às condições postas e, a partir de então, tornar-se capaz de desenvolver modificações e intervenções que visem uma melhora relacionada ao indivíduo e à sociedade atual. O resgate de sujeitos históricos e reflexivos, conscientes de sua condição, capazes de agir na comunidade e ressignificar ideologias e prioridades impostas, aparece aqui como parte imprescindível dessas mudanças de caráter pessoal e social que cada vez mais se fazem necessárias para um bem-estar coletivo, menos indiferente, mais igualitário.

## Referências

- Arendt, H. (1987). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1958).
- Baudrillard, J. (2003). *A sociedade de consumo*. Lisboa, Portugal: Edições 70. (Originalmente publicado em 1970).
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1998).
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 2000).
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 2001).
- Birman, J. (1997). *Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível*. In J. Birman, *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34.
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Originalmente publicado em 1999).

- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bourdieu, P. (1998). A precariedade está hoje por toda a parte. In *Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal* (pp. 119-127). Rio de Janeiro: Zahar.
- Cícero, A. (2008, 22 março). O moderno e o pré-moderno. *Folha de São Paulo Ilustrada*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2203200828.htm>
- Cortês, C. (2004). Charles Melman: A era do prazer. *Revista Isto É, 1824*, Recuperado de: [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/10556\\_A+ERA+DO+PRAZER?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/10556_A+ERA+DO+PRAZER?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, J. F. (1999). As práticas amorosas na contemporaneidade. *Psychê: Revista de Psicanálise*, 3(3), Recuperado de [http://psicoclinic.dominiotemporario.com/doc/praticas\\_amorosas.pdf](http://psicoclinic.dominiotemporario.com/doc/praticas_amorosas.pdf)
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Costa, J. F. (2007). A noção psicanalítica de desamparo. In J. F. Costa, *O risco de cada um e outros ensaios de psicanálise e cultura* (pp. 59-82). Rio de Janeiro: Garamond.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Originalmente publicado em 1967).
- Freud, S. (1996a). *Projeto para uma psicologia científica* (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1996b). *Totem e tabu* (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1996c). *Sobre o narcisismo: Uma introdução* (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

- Freud, S. (1996d). *Os instintos e suas vicissitudes* (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1996e). *Inibições, sintomas e angústia* (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (1996f). *O futuro de uma ilusão* (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (1996g). *O mal-Estar na civilização* (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- Fuks, L. B. (2003). Narcisismo e vínculos na atualidade. In F. C. Ferraz & L. B. Fuks (Orgs.), *Desafios para a psicanálise contemporânea* (pp. 73-85). São Paulo: Escuta.
- Fuks, M. P. (1999). Mal-estar na contemporaneidade e patologias decorrentes. *Psicanálise e Universidade*, (9/10), 63-78.
- Haroche, C. (2004). Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno. *Revista Ágora*, 7(2), 221-234.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1982).
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1979).
- Lasch, C. (1987). *O mínimo eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis* (4ª ed). São Paulo: Brasiliense.
- Pereira, M. E. C. (1999). *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta.
- Sennett, R. (2008) *Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso.

---

Recebido em 25 de abril de 2011

Aceito em 19 de outubro de 2011

Revisado em 11 de janeiro de 2012